



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**MARGARIDA MARIA FERREIRA CUNHA**

**(depoimento)**

**2002**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpando Memórias

**Número da entrevista:** E-56

**Entrevistado:** Margarida Maria Ferreira Cunha

**Nascimento:** Não informado

**Local da entrevista:** Residência da entrevistada - Rio de Janeiro/RJ

**Entrevistadores:** Juliana Santos Costa

**Data da entrevista:** 13/11/2002

**Transcrição:** Juliana Santos Costa

**Conferência Fidelidade:** Juliana Santos Costa

**Copidesque:** Silvana Vilodre Goellner

**Pesquisa:** Silvana Vilodre Goellner

**Fitas:** Não há

**Total de gravação:** 1 hora e 30 minutos

**Páginas Digitadas:** 29

**Catálogo:** Vera Maria Sperangio Rangel

**Número de registro:** 0972/2004/01

**Nº da fita:** Não há

**Observações:** Entrevista realizada por Juliana Santos Costa durante a elaboração de sua dissertação de mestrado intitulada “Vozes de mulheres na Escola Nacional de Educação Física e Desportos de 1939 a 1949: ecoando o passado”, defendida em 2004 junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física – Universidade Gama Filho-RJ. Cedeu cópia da entrevista ao CEME em maio de 2004.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo

CUNHA, Margarida Maria Ferreira. *Margarida Cunha (depoimento, 2002)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2004.

## **Sumário**

Fundação da Escola Nacional de Educação Física e Desportos; professores, formação e currículo da Escola Nacional de Educação Física e Desportos; prática de lutas; discussão das relações de gênero a partir da década de 30/40; cultura e hábitos da década de 30/40: a educação recebida pelas mulheres na época; o ensino da educação física na escola e na universidade; a busca feminina por formação profissional; oportunidades de trabalho na área da educação física; a obrigatoriedade da educação física nas escolas; o ensino teórico e prático das manifestações folclóricas do Brasil na faculdade de educação física.

J.C - Hoje em dia a gente só pode entrar na Universidade se tiver pós-graduação.

M.C. - Na época, em 1976 ou 75, quando começou o ensino do folclore, eles fizeram o pedido de autorização para colocar a matéria no currículo. A faculdade já estava funcionando e fui chamada para dar essa aula pelo Tubino<sup>1</sup>. Já trabalhava com o assunto há muito tempo.

J.C - A senhora ficou lá?

M.C. - Sim, porque o folclore é uma parte do panorama cultural. É importante que o aluno conheça essa atividade, a manifestação folclórica do Brasil, não é verdade?

J.C - É importante, é cultura.

M.C. - Nós fizemos um trabalho bonito lá. Hoje em dia está diferente, mudou um pouco. Cada um tem sua forma de trabalhar. Não ficávamos limitados apenas à parte prática da manifestação folclórica, dávamos muito valor à parte cultural também, porque tudo está ligado: a arte, a geografia, história, tudo está ligado ao folclore.

J.C. - É verdade...

M.C. - Porque o folclore faz parte da cultura. É tudo misturado. Fazíamos um trabalho com os alunos e eles pesquisavam um tema folclórico de cada região. Pesquisávamos sobre as práticas, mas também sobre a parte cultural que abrangia a literatura, os costumes, a parte lúdica, os jogos e até comidas típicas, enfim, tudo daquela região. Uma vez, um aluno do Paraná disse para mim: “Professora, se eu cair no Paraná vai ser ótimo para mim!”. Mas, ele teve que fazer sobre o Nordeste. Você sabe como ele foi fazer a pesquisa? Ele foi lá na Feira de São Cristóvão.

J.C. - Sei, a Feira dos Paraíba...

---

<sup>1</sup> Manoel José Gomes Tubino.

M.C. - É, exatamente: a Feira dos Paraíbas. Ele foi lá, com um pequeno bujão de gás, daqueles de cozinha...

J.C. - Sei.

M.C. - E uma frigideira e fez tapioca.

J.C. - Ele levou para a apresentação?

M.C. - Ele foi lá na feira e aprendeu a fazer tapioca. Levou muita tapioca para escola. Ele deu uma verdadeira aula, com muita motivação. Oferecia tapioca para todo mundo. Mas tem um detalhe: em vez de fazer com coco, que ele não tinha, fez com queijo parmesão, pois era mais fácil de comprar. Mas ficou muito bom. E trabalhos como esses motivavam muito os alunos, pois eles tinham muita energia e criatividade.

J.C. - Bem interessante.

M.C. - A turma inteira participava. No final do ano, faziam uma feira de folclore. Cada um levava aquilo que tinha feito durante a prova. Aquele exemplo da tapioca que contei, valia como prova.

J.C. - Era uma exposição para as outras pessoas assistirem?

M.C. - Era uma exposição. A gente convidava um grupo para se apresentar e algumas pessoas da Escola assistiam.

J.C. - Mas o seu trabalho continua lá até hoje.

M.C. - Não. Eu acho que não. Agora, sei lá, a Escola mudou muito.

J.C. - A senhora ficou até quando dirigindo esse grupo?

M.C. - Fiquei muito tempo. Saí de lá há um ano e pouco, dois anos. Não, eu não saí, na verdade, eu continuo, mas eu não estou... O que acontece é que lá na faculdade agora tem um sistema que só pode existir um professor por disciplina, por cada matéria.

J.C. - Sei.

M.C. - Há uns anos atrás, sofri um acidente trabalhando pela Universidade. Estava em Angra - em Angra não - em Rezende, e tive um probleminha: caí e quebrei a perna. Tive que fazer uma cirurgia.

J.C. - E teve que se afastar?

M.C. - Não, não me afastei. Continuei, mas não tinha mais condições de ensinar frevo, por exemplo. Não podia dançar porque a perna não...

J.C. - Ficou com algumas limitações?

M.C. - Depois disso, fiquei mais na parte de assistência, com o Marquinhos e a Celi. Depois, a Celi se aposentou e o Marcos ficou. Na verdade, o Marcos ficou porque não puderam tirar ele na época da remoção de professores. Eles não tiraram o Marcos, porque não podia dar aula prática. Mas, chegou um ponto que tinha que fazer uma opção. Então, tive que sair porque não ia poder dar aulas práticas. O Marcos ficou. Estou lá na Vila, na Piedade, ainda trabalhando com o grupo, mas apenas como colaboradora. Dou aula, mas...

J.C. - Tem a ver com o folclore?

M.C. - Tem. Há também o grupo da Universidade.

J.C. - Na Piedade?

M.C. - Na Piedade tem muito aluno de Educação Física, mas também alunos de outras áreas.

J.C. - Mas é aberto para a comunidade?

M.C. - É aberto só para os alunos. Eles recebem uma bolsa relativamente pequena, mas que dá para ajudar. Eles gostam da atividade e recebem muitos convites para se apresentarem. Agora mesmo vão à Angra, na festa da Escola Naval, no Colégio Naval. Depois vão para Feira da Providência, onde vão se apresentar durante cinco dias.

J.C. - Interessante.

M.C. - Essas atividades incluem danças folclóricas brasileiras, de todas as regiões do país.

J.C. - Vocês se reúnem uma vez por semana?

M.C. - Duas vezes. Terça e quinta têm ensaio à noite.

J.C. - E a senhora também participa?

M.C. - Eu vou. Quer dizer, quem vai é o Marcos, pois, hoje, essa parte prática é com ele. Ele foi meu aluno e fico muito feliz por isso, vendo um aluno continuar nosso trabalho.

J.C. - Ele deve ter aprendido muito.

M.C. - Isso é gratificante. A gente participa e incentiva, mas ele é o professor.

J.C. - Entendi.

M.C. - Cada um tem sua forma de ser e de trabalhar. Você vai se formar nesse seu mestrado e já tem a sua maneira de trabalhar, certo? E a gente tem que respeitar.

J.C. - Mas vocês devem ter uma boa relação.

M.C. - É lógico. Para mim, ele é com um filho. Porque, de qualquer forma, ele seguiu o que eu gosto. Mas, não tem só ele não, têm outros: a Flávia e o Paulo Lavrador eram

alunos que amava, eram criaturas espetaculares. Faziam os ensaios parecendo que estavam fazendo a própria apresentação. Isso é gratificante. É isso que tenho a dizer desse trabalho que nós fazíamos lá.

J.C. - É isso que quero saber para minha pesquisa.

M.C. - Agora, fala da sua pesquisa para você se situar onde posso contribuir.

J.C. - Qual sua relação com a Educação Física hoje? Na minha pesquisa, vou trabalhar com as alunas que estudaram lá na Escola Nacional de Educação Física e Desporto, de preferência no início, em 1939, quando a Escola foi criada.

M.C. - Você conhece a Helenita? A Glória ainda está lá? A Elzinha, que trabalhava com a Helenita, juntas, foram minhas professoras de dança.

J.C. - Na Escola?

M.C. - Fui da segunda turma.

J.C. - Elas não foram alunas da primeira turma?

M.C. - Elas fizeram um curso relâmpago, porque a Escola não tinha professor. Eles abriram a Escola de Educação Física, mas não tinham professor.

J.C. - Era um curso provisório?

M.C. - Era um curso relâmpago.

J.C. - Entendi.

M.C. - A primeira turma foi 40 ou 39.

J.C. - Esse relâmpago foi em 38 ou em 39?



M.C. - Acho que foi em 38, para se preparar para a primeira turma, que seria em 39.

J.C. - Em 39 foi a primeira turma? A de 38 deve ter sido para formar os professores.

M.C. - A primeira turma foi 39. Não se formou em 39, abriu a turma em 39 e formou em 41. Como disse a você, a Tônia Carreiro foi minha colega de turma e a Iná Bustamante foi diretora da faculdade.

J.C. - Vou entrar em contato com todas elas também.

M.C. - Pois é, você vai ficar sabendo de muita coisa.

J.C. - Gostaria de saber, porque o grupo da Ludmila<sup>2</sup>, que faço parte, estuda as relações de gênero. E também as mulheres, como elas estão inseridas na sociedade, as discriminações que sofrem, etc. A gente sabe, por exemplo, que, nessa época, elas não eram educadas para estudar e, muito menos, para fazer um curso que mexia muito com o corpo.

M.C. - Nem todas.

J.C. - Como se davam essas relações?

M.C. - Embora a época fosse conservadora, em 1940, já tinham pessoas com a cabeça mais aberta. Tinham outras que eram mais preconceituosas, pois a formação que se tinha em casa, principalmente com respeito à religião, que afirmava que tudo era pecado, inibia muito, principalmente, as mulheres. Atitudes como mudar a roupa na frente de alguém não era nem imaginada. Hoje, é uma questão de escolha pessoal. Se você quer, faz. Se não quer, não faz. Mas naquela época era proibido.

J.C. - Não podia?

M.C. - Não podia, quer dizer, não devia. Tinham turmas mistas, com homens, como a minha, mas as atividades eram separadas.

J.C. - Eram separadas?

M.C. - Eram. As aulas teóricas eram comuns. Mas as práticas, que me lembre, eram todas separadas: a natação e a parte de atletismo com certeza era dividida. No atletismo, tinha uma professora que era ótima, a Otília. Você já ouviu falar dela?

J.C. - Já ouvi falar.

M.C. - A minha memória não é a mesma. Não me lembro muito bem, mas sei que a Otília era muito boa, muito dinâmica. Me lembro também, que tinha verdadeiro pavor de pular barreira. Devia ter trauma de pular muro, sei lá.

J.C. - Quando criança?

M.C. - Ela falava à beça. Vinha correndo, mas quando chegava perto, freava. Ela me xingava, me chamava de cearense, porque eu sou do Ceará mesmo. Dizia que tinha perna comprida e, realmente, era uma das mais altas, mas não conseguia pular.

J.C. - E era obrigado a fazer?

M.C. - Tinha que fazer, tinha que pular. Mas chegava na hora, freava, passava a perna. Mas tinha coisas que eu gostava.

J.C. - Com o que você se identificava mais?

M.C. - Salto em altura. Engraçado, salto em altura não tinha problema. Gostava muito de salto à distância também, mas, com barreira, não conseguia. Devia ser algum trauma. Mas, tinham outras coisas boas e interessantes. Por exemplo, gostava muito da dança, que em geral agradava todo mundo.

J.C. - Mas os meninos, também tinham aula de dança?

---

<sup>2</sup> Ludmila Mourão.

M.C. - Não me lembro de eles terem aulas de dança. A dança era só para as mulheres, que também aprendiam jiu-jitsu.

J.C. - Ah é?

M.C. - A Dorinha que era nossa professora.

J.C. - Interessante!

M.C. - Depois que eu saí, ela ficou como professora de percussão. A Dorinha era a professora de luta. Teve também o Latorre, que era sargento do exército. Mas a Dorinha que era mais engraçado. Tinham aquelas que gostavam muito, como a Yara e a Marinha, que era o apelido da Tônia Carreiro. Outras gostavam muito. Eu não gostava, pois tinha pavor. Dizia para ela assim: “Me ensina alguns golpes para eu treinar em casa com meu irmão”.

J.C. - E você ficava treinando mesmo?

M.C. - Dizia para ele me atacar. Ele me matava, me estrangulava, fazia tudo aquilo e eu não chegava nem a me defender. Então, chegava para ele e dizia que não adiantava, pois na hora do aperto, só sabia morder, berrar e puxar os cabelos. Esse negócio de lutar não era comigo.

J.C. - E qual era a roupa que vocês usavam para lutar? Quimono?

M.C. - Não era o uniforme mesmo.

J.C. - Essas aulas tinham uniforme?

M.C. - Tínhamos uniforme. Tínhamos sainha, usávamos uma saia.

J.C. - Era compridinha, no joelho?

M.C. - A saia era comprida, que a gente usava no dia-a-dia. A aula prática era de calção. Mas quando acabava a aula prática, botava a saíha logo. No início, meu calção era aqui [aponta para o joelho], pois fui criada em colégio de freira. Nem para tomar banho a gente tirava a roupa, porque tomar banho nua também era pecado. Veja a mentalidade da época. Então era aqui [aponta para o joelho] que batia o meu calção. Depois, foi subindo. A gente mesmo normalmente, vai mudando, se modernizando.

J.C. - Até pela própria necessidade.

M.C. - Esse tipo de calção incomodava. E depois, a gente muda mesmo. É uma coisa que faz parte, você vai mudando os seus próprios hábitos e vai aceitando as coisas, achando que tudo aquilo que aprendeu estava errado, que não é tanto assim, você vai mudando. Com o tempo, meu calção já passou a ser aqui [aponta para acima do joelho]. Tinha outra coisa, para tirar medida, por exemplo, era horrível. Não queria tirar o calção e ficar de calcinha, em hipótese alguma.

J.C. - Mas essa medida era uma aula?

M.C. – Tiravam nossas medidas. Vocês fizeram isso também.

J.C. - Hoje em dia a gente chama de avaliação.

M.C. - Essa avaliação na época era feita pelas próprias professoras, mas elas eram muito novas, recém-formadas. Às vezes, tinham feito apenas um cursinho relâmpago. E mais, não havia esse conhecimento profundo como hoje. Então, elas falavam: “Tem que tirar o calção”. Eu dizia: “Meu calção eu não tiro”. Me mandaram para o diretor, que era o major Rolim<sup>3</sup>. Chegando lá, ele disse que de jeito nenhum eu tinha que tirar o calção. Ele entendeu minha situação, pois era uma pessoa mais instruída e evoluída.

J.C. - Ele defendia as mulheres?

---

<sup>3</sup> Ignácio de Freitas Rolim.

M.C. - Não é que fosse isso. Alguns podiam até achar que era tolice minha, mas tinha que ser respeitado. E não era só eu, outras também não aceitavam. Tinha também aquelas que tinham mais liberdade, pois foram criadas diferente. Se você juntasse em 1940, entre vinte e quarenta mulheres ao mesmo tempo, vindo de diversos estados do Brasil, você veria que a educação de cada uma era particular. Tinham aquelas do Rio de Janeiro, que eram mais evoluídas, mas quem vem do interior, tinha educação mais rígida.

J.C. - E como eram as pessoas que entraram pro curso?

M.C. – Concurso.

J.C. - Era concurso? Mas tinha muita gente que vinha de outros estados? A senhora era do Ceará, como ficou sabendo do concurso?

M.C. - Não vim para fazer Educação Física.

J.C. - Não veio?

M.C. – O Major Barbosa Leite, diretor da divisão de Educação Física, era parente do meu pai. Tinha uma prima, a Elza Sabóia, que fez o primeiro curso. Mas, quando cheguei aqui era para estudar Belas Artes, pois meu negócio era pintura. Hoje, pinto todos aqueles quadros lá [aponta para a parede]. Todos são meus.

J.C. - Que bacana...

M.C. – Tudo é meu, parece mentira. Eu fiz Educação Física e fui pintar depois que eu parei de trabalhar.

J.C. - Com Educação Física?

M.C. - Depois que eu parei de trabalhar como professora de Educação Física que comecei a pintar, pois tenho que fazer alguma coisa. Não consigo ficar parada.

J.C. - Pintar era uma coisa que você sempre gostou e ficou meio reprimido, certo? Porque você foi trabalhar com Educação Física?

M.C. - Não, não fiquei reprimida. Eu fui muito feliz como professora. *Muito feliz!* Eu sempre fui professora. Tenho sessenta anos de magistério, de formada e nunca deixei de gostar daquilo que eu fazia. Comecei como professora de curso normal em Jacobina. Eu fui professora da Amaral, de normal...

J.C. - Isso lá?

M.C. - Aqui no Rio. Eu sou funcionária do Estado também. Fiz concurso e fui trabalhar em escola normal. Gostava de passar para os alunos e professores aquele amor que eu tinha pela Educação Física. Sempre dei muito de mim, pois acredito que gostando do que faço, o aluno tem mais chances de gostar também. Isso que é importante. É aquele negócio: professor que não gosta da matéria que leciona, acaba sofrendo a vida toda. Se a pessoa que não escolhe bem a carreira, não agüenta trabalhar durante muito tempo, porque não é o dinheiro que faz você gostar da sua profissão.

J.C. - Tem que ter satisfação. Você ainda passa isso para os seus alunos?

M.C. - Eu sempre fiz isso com muita alegria e continuaria fazendo. Você pode falar com a Ludmila que ela me conhece e sabe do que estou falando.

J.C. - Ela fala muito bem de você.

M.C. - Eu sempre trabalhei com muito amor. Tudo o que faço, me dou por inteira. Então, é como falei para você, parei de trabalhar, mas não posso ficar sem fazer nada. Hoje eu tenho na Gama Filho<sup>4</sup> um grupo de senhoras, uma média de trinta a quarenta pessoas, que fazem pintura comigo.

J.C. - Que interessante.

M.C. – Hoje, estou me realizando na pintura, pois preciso fazer alguma coisa útil, que eu possa dar para alguém e que esse alguém possa aproveitar.

J.C. - Mas são aulas que a senhora dá?

M.C. - São aulas para as senhoras, todas de sessenta anos para cima. Elas adoram e eu também gosto muito.

J.C. - Que bom.

M.C. - Tenho muito prazer em fazer esse tipo de trabalho. O que mais que você quer saber? Eu fico desviando do assunto e você tentando voltar.

J.C. - Quando a senhora estava lá no Ceará, como a sua família reagiu? Eles apoiaram?

M.C. - Nós queríamos fazer um curso superior mesmo. Morava lá, mas sempre quis morar aqui, porque meu pai estava aqui e minha mãe ficou doente. Então, nós viemos. Sou do Ceará, mas eu sempre morei no Rio.

J.C. - Você morava aqui no Rio?

M.C. - Eu estudava no Colégio São Marcelo. Fui para o Ceará quando minha mãe adoeceu. Terminei o meu segundo grau, o científico, que antigamente chamava-se clássico e voltei.

J.C. - Não era o secundário?

M.C. - Secundário, era um negócio assim. Eu terminei o curso completo. Papai estava aqui e mamãe não pode voltar. Então, eu vim para ele não ficar sozinho e também para fazer Belas Artes, porque meu pai era professor de desenho no Pedro II e pintava muito bem. Eu vim para ficar com ele, mas morava com uma tia. Quando cheguei aqui, minha prima disse que fazer Belas Artes não dava futuro. Ela estava fazendo Educação Física que, na época, era uma coisa nova. O major também apoiou e eu resolvi tentar, apesar de não ser o que eu

---

<sup>4</sup> Universidade Gama Filho.

queria. Conforme eu disse, não conseguia nem pular barreira. Educação Física não era o meu forte, então acho que aceitei mais pela novidade mesmo.

J.C. - Seu pai te apoiou, mesmo indo pela Educação Física?

M.C. - Ninguém foi contra. A mamãe nas cartas dizia assim: “Minha filha, tenha cuidado!”. Mandava aquelas recomendações porque achava que aqui era um antro. Na verdade, era uma coisa nova se relacionar com rapazes em turmas mistas. Ela mandava as cartinhas recomendando cuidado com algumas coisas.

J.C. - Não proibia, só recomendava?

M.C. - Só recomendava, alertando para algumas coisas. No início, senti um pouquinho, estranhei. Não era aquilo que eu queria. Até que fui fazer natação com a Maria Lenk. Ela que foi a minha professora. Era muito rigorosa. Me lembro muito bem, cheguei a ficar com trauma de salto na piscina, porque naquela época a gente saltava de trampolim. Hoje não tem mais isso.

J.C. - Hoje em dia não.

M.C. - Nós tínhamos que saltar daquele trampolim do meio.

J.C. - Mas mesmo assim...

M.C. - Eu estava lá no trampolim, criando coragem, e ela gritando para eu pular. Como não tive coragem, ela foi por trás de mim e me empurrou. As técnicas antigas eram assim. Por causa disso, eu passei a ter mais trauma ainda. Não conseguia mais pular de cabeça, só pulava em pé. Natação não era mesmo o meu forte. Eu só gostava de nadar de costas, mas deu para passar. Gostava de outras coisas como esgrima e tênis, esportes que chegamos a aprender as noções básicas.

J.C. - E eram aulas mais práticas?



M.C. - Tudo prática. Eu tinha a impressão que as professoras eram novas e, por isso, só davam uma noção. De jiu-jitsu também.

J.C. - O jiu-jitsu era mais para a defesa pessoal?

M.C. - Era.

J.C. - Porque ensinavam essa luta?

M.C. - Fazia parte do nosso currículo. Era ensinado ataque e defesa para as mulheres e para os homens, mais ataque. Sempre em turmas separadas.

J.C. - Será que era para elas se defenderem quando preciso, na rua?

M.C. – Era. A professora dizia assim: “Margarida, você precisa atacar!” Eu dizia: “Eu mordo, eu mordo, puxo o cabelo e berro, dou pontapé, mas esses seus golpes não consigo.” Tinha uma aluna, colega minha, que quando estava dando um golpe, se machucou. Golpe, não, se defendendo, pois aprendíamos mais defesa. Se viesse uma pessoa te atacar, você tinha que pegar o ombro, botar o pé na barriga e jogar a pessoa por cima. O resultado foi que, além dessa minha amiga, mais duas meninas quebraram o nariz. Acontecia principalmente quando uma jogava a outra por cima. Não se tinha muito preparo e esse tipo de coisa acontecia muito. Mas existiam também as alunas ótimas, como a Iná e a Yara Vaz, que era excelente lutadora, pois ela já tinha noção dos movimentos e exercícios.

J.C. - A senhora sabe onde ela está hoje em dia?

M.C. - Ela tem uma academia. Quem está à frente da academia, tenho a impressão, é seu filho, professor de Educação Física. É na Praça Antero de Quental, no Leblon. Não estou lembrando direto, minha cabeça hoje não está boa.

J.C. - Que nada, a senhora está falando muitas coisas.

M.C. - Se eu fosse fazer teste para motorista, seria reprovada, porque eu não lembro nem mais os nomes das ruas direito. Mas sei que ela tem academia e que chama-se Academia Yara Vaz.

J.C. - Vou tentar um contato com ela também.

M.C. - Ela vai ceder ótima entrevista, porque tem muita coisa para dizer. Quando a Yara foi fazer o curso, já era atleta. Na época, atravessava a praia do Leblon toda nadando. É também uma professora espetacular, muito boa. Não sei se hoje ela continua dando aulas. Acho que não. Ela não deve estar mais dando aula. Mas acredito que ela ainda está 100%, pois a encontrei uma vez faz pouco tempo. A Tônia foi para a área de teatro, mas ela ainda faz esportes que eu sei.

J.C. - Ela está em cartaz com uma peça, que eu estou pensando em assistir para depois tentar entrar em contato.

M.C. - Ela até mandou um recado para eu ir lá, ma eu ainda não fui. Ela é ótima, ainda continua fazendo teatro muito bem. Tem professoras daquela época que você pode procurar.

J.C. - A Elenita, por exemplo?

M.C. - A Elenita era professora. Ela trabalhou com o Paulo, que também dava aulas comigo no Pedro II. Ela também era professora, mas as minhas professoras eram a Otília e a Ivete Marinho, que já faleceu. Ela era do basquete, mas também adorava vôlei. Por causa dela, joguei vôlei, esporte que continuei praticando a vida inteira. Tenho até uma fratura no meu dedo.

J.C. - De jogar vôlei?

M.C. - Sim. Eu gostava muito de vôlei, mas basquete...

J.C. - Eu tive uma professora de basquete na Universidade Federal do Rio de Janeiro que já era bem senhora, chamava-se Marli. A senhora conheceu ela?

M.C. - Marli?

J.C. - Eu vou tentar chegar até ela também para saber mais da sua história. Eu sei que ela estudou lá, só não sei em que ano. Sei, por exemplo, que ela era atleta de basquete.

M.C. - Uma pessoa ótima também é a Célia Marcondes. Ela foi depois, em 44, mas é pertinho.

J.C. - Eu vou ver se entrevisto as pessoas que estudaram lá no máximo até 49. Dependendo de quem eu for tendo acesso, das pessoas que eu for encontrando, que estiverem disponíveis.

M.C. - A Célia é ótima. A Eloá Machado também é ótima. A Consuelo fez Educação Física, mas era professora de dança. Deixa eu ver... Tem a Marieta Thirré, que foi também da turma de 44 ou 45. Da minha turma mesmo, desde o início, era a Iná e a Yara. Depois, eu tive problemas e não consegui me formar com elas. Minha mãe esteve doente e quando estava no fim do ano, eu precisei ir embora. Larguei tudo, mas eu e a Ondina Arezo tínhamos que fazer uma matéria chamada metodologia. Nós duas tínhamos que fazer, pois não fizemos a prova. Depois, voltamos só para fazer essa disciplina.

J.C. - Você pode fazer no outro ano?

M.C. - Naquela época, você podia fazer depois e, então, voltei só para fazer metodologia.

J.C. - Ficou mais um ano inteiro por causa disso?

M.C. - Não, fiz só metodologia. Não era um ano todo, não. Não fiz nenhuma outra matéria. Não tinha que fazer outra matéria, só aquela que não tinha feito. Tive que fazer, porque eu não alcancei o grau necessário. Tinha que fazer uma prova final, mas não deu para fazer por causa do problema da minha mãe.

J.C. - Deu tudo certo. E quantas mulheres e homens estudavam lá? Era mais ou menos a mesma coisa?

M.C. - Não me lembro muito bem dessa divisão.

J.C. - Nem se era proporcional?

M.C. - Não lembro. Nós tínhamos professores ótimos, alguns inclusive já morreram. O Arenó<sup>5</sup> que era professor de anatomia, por exemplo, era espetacular.

J.C. - Os professores dessas disciplinas teóricas eram médicos?

M.C. - Sim. O Abut, o Arenó, o Cid e o Lauriano eram professores ótimos, muito bons. Nós tínhamos aulas de socorro de urgência e primeiros socorros. O Acioly era professor de História da Educação Física Ele era muito engraçado, mas era exigente. Ele chegava e dava aula dele. Se alguém tivesse conversando na aula, não era com ele. Na prova, cobrava todo o conteúdo. A gente que estudasse. Eu gostava muito da aula dele, era um ótimo professor.

J.C. - Ele ia lá cumprir o papel dele, quem quisesse prestar atenção, prestava.

M.C. - Porque tem professor que chega e diz que não dá aula se não tiver em silêncio. Ele não, dava a aula dele com o barulho que fosse. Quem tivesse interesse, ia para as cadeiras da frente. Assim, nós tivemos uma época boa. Eu adorava. Fazíamos desfile, pois tudo isso era na época do Getúlio. Havia muito patriotismo.

J.C. - Como era a rotina? Vocês entravam às sete horas da manhã em ponto e tinham que formar toda vez?

M.C. - Não. Não tinha isso. Eu vivi uma época em que a Educação Física tinha muita aula prática e algumas teóricas.

J.C. - No Fluminense?

M.C. - Não, no Instituto dos Surdos e Mudos. A dança era na Rua das Laranjeiras, por exemplo. As aulas teóricas eram todas lá, assim com o jiu-jitsu também era lá.

J.C. - Não tinha nenhuma aula no Fluminense?

M.C. - No Fluminense, era a parte de natação e atletismo, voleibol, basquete, esporte que eu tinha verdadeiro pavor. Não tivemos handebol porque nessa época ainda não tinha esse esporte. Basquete para mim parecia muito chato, porque as pessoas pareciam umas loucas atrás da bola. E mais, eu detesto que alguém me esbarre. Elas vinham correndo e eu andava a bola para alguém imediatamente. A Ivete gritava comigo. Eu nem sabia quicar a bola direito. Ficava muito nervosa e vivia com os dedos todos machucados. Basquete não era comigo. Têm coisas que a gente faz na faculdade, você tem matérias que gosta mais que outras.

J.C. - Se identifica mais.

M.C. – Outras você faz, porque tem fazer.

J.C. - Hoje em dia está um pouco mais flexível, porque a gente não tem que ser obrigada a fazer. Mas tem que saber como faz para poder ensinar.

M.C. - Mas como é que você vai ensinar uma coisa que você não gosta ou não sabe?

J.C. - É ruim.

M.C. - É muito difícil, tem gente que não consegue.

J.C. - É bem complicado.

M.C. - Eu trabalhei no Pedro II durante trinta e oito anos. Eu podia me aposentar com vinte e cinco, mas continuei trabalhando.

---

<sup>5</sup> Waldemar Areno.

J.C. - A senhora foi professora do Colégio Pedro II também?

M.C. - Fui durante trinta e oito anos. Eu só parei quando uma aluna chegou para mim e disse: “Professora, a minha avó mandou um beijo para a senhora.” Eu disse: “Sua avó?” A aluna me respondeu que ela tinha sido minha aluna no Pedro II. Você vê o que é isso? Com essa, eu percebi que estava na hora de parar. Eu quase saí pela compulsória, porque chega a uma idade que o professor tem que sair mesmo, porque você não pode mais trabalhar como funcionária. Mas ainda tinha turma que eu dava aula no campo, debaixo de sol. No Pedro II, dava aula no horário entre onze e treze horas, porque era o intervalo dos períodos da tarde e da manhã. Os alunos terminavam as aulas normais e iam para a Educação Física. Aqueles que chegavam antes, faziam o primeiro tempo. Eles mesmos quiseram esse horário. Apesar do calor e do sol que batia na quadra, pois não tinha uma árvore, nada. Pelo menos, eles tinham banheiro para tomar banho. Eles eram muito fominhas de aula. Eles chamavam de física, não era Educação Física. Eu dizia: “Minha nossa senhora, o que eu vou dar para elas?” Eu mandava elas trazerem...

J.C. - Patins?

M.C. - Patins. Aquela era uma turma que você tinha que dar ginástica, educação física. Mas eu também dava jogo e o que elas gostavam era de queimado. Mas eram duas horas seguidas, uma vez por semana, dois tempos seguidos. Não dava para você trabalhar com elas o tempo todo fazendo atividades físicas. Então, eu mandava elas trazerem patins e tentava dar outras coisas para se ocuparem. Quando faltavam dez minutos eu dizia assim: “Parou, vamos tomar banho!” Elas sempre, todo dia, queriam mais e me cobravam os dez minutos que faltavam.

J.C. - É que para elas essas duas horas eram pouco tempo.

M.C. - Então, eu pedi para sair. Não estava agüentando o pique delas, de meninas da quinta série. Eu não agüentava mais. Já no segundo grau, elas ficavam contando os segundos para ir embora.

J.C. - Na quinta série ainda são crianças.

M.C. - Exato. Elas queriam aquilo mesmo. Eu é que não agüentava mais. Eu acho que a partir da hora que eu não estava agüentando, não tinha o direito de ficar com elas. Você tem que agüentar o pique dos alunos, correspondente à cada idade. É como você trabalhar com o primário. Tem que chegar e virar criança. O professor não pode ficar naquela postura de mais velho, vendo tudo do seu ponto de vista de adulto, tem que brincar como criança, igual criança.

J.C. - Em relação à cultura, como era naquela época? Tinha cinema, teatro e festas na faculdade? Tinha namoro ali dentro?

M.C. - Olha, namora tinha, sempre tem. Onde tem homem e mulher sempre tem namoro. Agora, festa que eu me lembro, não tinha muita não. Eu morava com minha tia, que era do tempo do bumba-meu-boi. Ela era mais velha que meu pai e muito exigente, porque se sentiu responsável por mim, pois a mamãe estava longe. E você sabe que a mãe é que vê essas coisas de namoro. O pai, nessa época, não se preocupava muito com isso. Não porque não existisse esse problema. Eu, por exemplo, tive muito esse problema de querer sair, mas tinha hora para chegar. A gente não podia sair, que as outras meninas diziam que depois de determinada hora virava lobisomem. Eu ainda tinha uma amiga, que tinha muitos recursos, morava numa casa muito boa, onde vivia tendo festa.

J.C. - Mas essas meninas que iam para as festas, eram bem vistas pela sociedade e pelos pais? Tinha muito preconceito?

M.C. - Não. Eu me lembro que ela fazia festa e a mãe dela telefonava para minha tia, que ia me pegar e ia me levar.

J.C. - E ela deixava?

M.C. - Já com dezoito ou dezenove anos, deixava. Hoje em dia, arranja uma pessoa para pegar, não tem mais isso, é considerado bobagem. Naquela época, tinha que ter alguém para pegar. Minha tia acreditava que era necessário e, de fato, ela fazia aquilo. Ela me pegava em casa e me levava para a festa. Era uma dificuldade, mesmo sem eu ter namorado. Eu não tive namorado na época, mas tinha um rapaz lá.

J.C. - Você não tinha interesse por ele?

M.C. - Não, para namoro não. Mas festa, eu gostava. Para distrair a gente também ia ao cinema, mas só de tarde que podia. Como diziam “quem saía à noite, virava lobisomem”. Não podia sair, era muito difícil sair de noite.

J.C. - Entendi.

M.C. - Quem tinha família aqui era diferente. Quem tinha família fora, e tinha muita gente nessa situação, tinha mais liberdade. Tinha muita gente que morava em pensão, vinha de fora e não tinha família. Era mais livre. Pensão, porque naquele tempo ainda não tinha casa de estudante.

J.C. - Eu tenho lido alguma coisa e não li nada sobre isso não.

M.C. - Eu não vivi essa situação, não aconteceu comigo. Mas, vinha muita gente do Sul. Muitas alunas, colegas minhas do Rio Grande do Sul, como a Isorinha que casou depois e foi embora, ficavam na pensão. O que mais você quer saber?

J.C. - A Educação Física estava começando nessa época, não tinha prestígio. Quem tinha prestígio era a Medicina, o Direito, a Engenharia.

M.C. - A Educação Física era uma carreira nova, que estava sendo exigida no currículo das escolas. Por isso que começou a ser ensinada. Porque passou a ser uma disciplina obrigatória. Apesar disso, ainda não era considerada uma carreira de fato.

J.C. - Não era uma carreira ainda?

M.C. - Na época, todo mundo me questionou porque eu tinha preferido a Educação Física, em vez de Belas Artes. Porque Belas Artes era uma carreira mais de elite, e ninguém ia fazer Belas Artes só pelo prazer. Mas eu fui desse jeito, fui levada para a Educação Física.

J.C. - Pela sua prima?



M.C. - E não me arrependo. Vou lhe dizer, escolhi bem. Eu dava recreação para as minhas alunas da Escola Normal e dizia para elas que tem que gostar da carreira que você escolhe, ter interesse por aquilo, sentir prazer. Senão, você não será feliz nunca. Você tem que fazer da sua profissão, algo que você goste como uma recreação. Fazer aquilo a vida inteira, sem pensar no que vai receber em troca. Eu, graças a Deus, soube escolher. Quer dizer, soube não, me levaram a escolher. Hoje, eu me sinto realizada para a vida. Falando em realização, depois eu vou te mostrar os meus quadros, minhas pinturas, tudo eu dou para as alunas... [falou um pouco sobre pintura].

J.C. - Deixa eu perguntar sobre a formação na Escola. Eram dois anos no início, mas você não saía com curso superior?

M.C. - Era considerado superior sim.

J.C. - A diferença é que não precisava do que hoje em dia a gente chama de segundo grau, o ensino médio, para cursar Educação Física?

M.C. - Não. Nós tínhamos que ter os cinco anos: ginásio completo. Só entrava com dezoito anos, que era a idade mínima. Não podia entrar com dezesseis ou dezessete anos. Eu tive uma aluna, a Glória, que, por exemplo, ficou como ouvinte até completar a idade mínima.

J.C. - É que eu tinha lido alguma coisa sobre isso.

M.C. - Naquela época tinha que ter o curso completo.

J.C. - Eu acho que tinha quatro tipos de formação, era massagista, professor.

M.C. - Não, não.

J.C. - Não tinha isso?

M.C. - Era só Educação Física. Não existiam essas especializações. Só se depois de formada você fizesse alguma especialização. Por exemplo, a Yara ou a Marinha fizeram em dança. Depois de formada é que vinha o curso de especialização. E esse, eu sei que elas fizeram.

J.C. - E aí quando vocês se formaram, o que vocês iam fazer, iam trabalhar onde?

M.C. - Trabalhar como professora de Educação Física.

J.C. - Em escolas?

M.C. - Em escolas.

J.C. - Então, tinha espaço para vocês.

M.C. - Tínhamos diploma, com registro e tudo.

J.C. - O mercado absorvia bem essas pessoas?

M.C. - Era obrigado, pois a Educação Física passou a ser obrigatória nas escolas.

J.C. - Todo mundo trabalhava como professora? Já existiam academia de ginástica também?

M.C. - Não. Eu me lembro que você dava aula de Educação Física para as pessoas. Não existiam academias como hoje. Nessa época, já no fim do curso, fui embora e fiquei fora até mamãe falecer. Depois voltei e fiquei, mas só fui começar a trabalhar em 50, quando entrei para o Pedro II. Depois, em 52, eu entrei para o Estado. Até entrar para o Pedro II, eu não trabalhava, porque meu pai era vivo e cuidava de mim.

J.C. - Porque seu pai preferia que você ficasse com ele?

M.C. - Eu dava aula, deixa eu ver, em colégio particular. Trabalhei tanto a vida inteira, o que mais você quer saber?

J.C. - Os meninos da escola também tratavam vocês normalmente?

M.C. - Tratavam.

J.C. - Tinham uma ótima relação?

M.C. - Muito boa, muito boa. As aulas teóricas eram todas juntas. Thomaszinho foi meu colega, por exemplo. Eu sei onde é que está essa turma toda. Os nomes que eu não lembro agora. Agora só lembrei do Thomas. Ah, o Renato, acho que era Renato o nome de outro de quem fui amiga. Faz outra pergunta, mas acho que você vai saber muito mais coisa quando for perguntar para as outras.

J.C. - Mas, com a senhora, eu já estou sabendo de tantas coisas. Alguma coisa daquela época marcou a sua vida mais especialmente?

M.C. - Eu gostava muito de dança. Me realizava muito dançando. Alguma coisa ainda mais especial, não tem não.

J.C. - Como foi a vivência, foi mais difícil no início?

M.C. - Eu gostava muito. E como eu não era assim muito de sair, eu participava muito mais das atividades dentro da escola.

J.C. - Por causa da sua família, da sua tia que te prendia, mas as outras moças, pelo visto...

M.C. - Embora fosse enjoadinha, ela tinha a maneira dela de pensar. E eu tinha que respeitar porque morava com ela.

J.C. - É claro. Mas pelo visto as outras alunas tinham uma vida mais livre, principalmente, as que moravam no Rio.

M.C. - Eu acredito. Com a Tônia, por exemplo, eu saía muito. Acompanhei seu casamento, pois o pai dela era colega do meu e o seu sogro, o Cécil Thirre, era professor, como papai. O filho do Cécil que era o Carlos Thirre, pai do Cécil Thirre, que hoje é um ator conhecido. Ela namorou o Carlos quando estava fazendo o último ano de Educação Física. Eles casaram e tiveram filho. Eu acompanhei, vi os primeiros passos do Cécil. A Yara também eu acompanhei, pois trabalhei na sua academia, como professora. Tinha mais contato com a Iná, mas as pessoas foram embora, inclusive eu. Fui embora para o Ceará. Quando eu voltei já não tinha contato com muita gente. Só mantive contato com as que começaram a trabalhar e aquelas que depois fizeram concurso para o estado, como eu. Várias fizeram e aí nós começamos a nos reencontrar. Você já esteve com a Fernanda<sup>6</sup> também? A Fernanda é doutora.

J.C. - É a da Castelo Branco? Já entrei em contato com ela. Ela falou que a irmã dela...

M.C. - A Angélica?

J.C. - Acho que ela foi dessa turma para formar os professores.

M.C. - A Angélica? Não.

J.C. - Ela disse que foi antes dela.

M.C. - A Angélica, não, ela já estava, não sei...

J.C. - Eu vou entrar em contato com ela também.

M.C. - É.

J.C. - E nessa época, você tinha consciência que a senhora e essas mulheres estavam abrindo espaços de um novo campo de trabalho. Vocês foram pioneiras na Educação Física?

---

<sup>6</sup> Fernanda Barroso Beltrão.

M.C. - Araci foi da primeira turma e ainda devem estar trabalhando. Ela mora em Jacarepaguá. Seria ótimo para você falar com ela também.

J.C. - Ela trabalha onde?

M.C. - Hoje não trabalha mais, mas ela fez concurso comigo.

J.C. - Ela está aposentada?

M.C. - Todas estão aposentadas. Essa trabalha porque é desse tipo que não quer parar, então ela dá assistências a senhoras num orfanato.

J.C. - Eu vou entrar em contato com todas elas, o maior número possível. Mas elas tinham a consciência de que estavam sendo as primeiras?

M.C. - Eu tenho telefone de algumas, se você quiser.

J.C. - Eu vou querer sim.

M.C. - Depois eu te dou.

J.C. - Pode procurar com calma.

M.C. - O que mais?

J.C. - E hoje em dia como a senhora vê a Educação Física? O que representou para você ser uma das primeiras alunas?

M.C. - Bom, a Educação Física evoluiu muito. Atualmente, não alcanço mais os conhecimentos que vocês tem. Nós não tivemos esse conhecimento todos. Hoje, eu fico só vendo os resultados que são cada vez melhores, principalmente para os alunos. Eu tenho trabalho ainda, pois ainda vejo resultado. Acho que está indo para frente.

J.C. - Acho que é só isso. Tem mais alguma coisa que a senhora lembra?

M.C. - Eu acho que eu falei demais.

J.C. - Não, não falou não. Ah, tem mais uma questão que eu li nos livros. Geralmente, as mulheres, nessa época, ou um pouquinho antes, na década de 20, entravam para estudar pensando mais em aumentar a sua cultura e não para entrar no mercado de trabalho. Tinha esse pensamento nessa época também?

M.C. - Olha, pode ser que antes, na época da minha mãe, ela tenha vivido isso. Mas para mim foi diferente. A minha mãe, por exemplo, nos educava para termos os conhecimentos necessários para trabalhar. Nós éramos preparadas para isso. Eu fui educada desse jeito: tinha que aprender corte e costura, bordado e piano. Estudei música e tocava até pouco tempo. Hoje, eu não toco. Comecei a estudar piano porque era importante aprender uma arte qualquer. Minha irmã, por exemplo, tocava outro instrumento, depois fez concurso e chegou a aprender datilografia. Eu também fui fazer datilografia, mas desisti. Não era o que eu queria. Para você ver que a gente era preparada para o futuro. Só mais tarde que a gente ia se habilitar em alguma coisa mais específica, já pensando numa profissão.

J.C. - O casamento ainda era uma coisa principal na vida da mulher, a mulher tinha que casar, ter filhos.

M.C. - Casamento era fundamental. Ninguém pensava em ficar solteira, nem passava pela cabeça. Mas ninguém corria atrás de casamento, ele simplesmente chegava. Aqui eu tinha uma vida diferente porque minha tia era meio antiquada, mas lá no Ceará, a gente tinha uma vida social intensa: ia para festa, tinha namorado, fazia passeio, fazia de tudo, sempre com aquela preocupação que falei antes. Apesar dessa preocupação, mamãe facilitava, deixava a gente passear, mas tinha sempre alguém vigiando.

J.C. - Como um irmão, uma criança?

M.C. - Olha você vai, olha aí.

J.C. - Entendi.

M.C. - Era desse jeito, normal.

J.C. - Está ótimo.

M.C. - A vida era essa. Tinha namoro, pois faz parte da vida. É o tipo de coisa que não precisa nem ensinar. Hoje em dia chama-se ficar.

J.C. - Hoje em dia está muito moderno.

M.C. - Eu acho que passou um pouco do limite, está demais. Esse negócio do estar, para mim isso é o fim.

J.C. - Negócio de quê?

M.C. - Não tem um negócio de estar, fulano está com ciclano?

J.C. - Tem.

M.C. - É uma coisa que não dá mais. Não existe mais aquela alegria de conquista, porque estar é só aquela coisa de momento.

J.C. - Não valoriza muito.

M.C. - Eu respeito. Acho o seguinte: fui criada sem dizer palavrão. Nunca abria a boca para dizer palavrão. Eu não podia dizer: “Mamãe, é mentira!”. Fui educada desse jeito. Não podia falar qualquer coisa para minha mãe. Era uma ofensa. Ela não admitia que dissesse que estava mentindo. Não é dizer que discordava, era dizer que ela estava mentindo. Ela nos educou desse jeito, eu nunca dizia palavrão, nem discordava dela. Aprendi palavrão com os alunos e, hoje, para mim eles não me afetam nada. É por isso que eu estou dizendo a você, não grava isso não.

J.C. - Já podemos parar.

[FINAL DO DEPOIMENTO]